

CASADA E VIUVA



No dia em que José de Menezes recebeu por mulher Eulalia Martins, diante do altar-mór da matriz do Sacramento, na presença das respectivas familias, augmentou-se com mais um a lista dos casacs felizes.

Era impossivel amar-se mais do que se amavão aquelles dous. Nem me atrevo a descrevê-lo. Imagine-se a fusão de quatro paixões amorosas das que a fabula e a historia nos dão conta e ter-se-ha a medida do amor de José de Menezes por Eulalia e de Eulalia por José de Menezes.

As mulheres tinham inveja á mulher feliz, e os homens rião dos sentimentos, um tanto piegas, do apaixonado marido. Mas os dous philosophos do amor relevárão á humanidade as suas fraquezas e resolvêrão protestar contra ellas amando-se ainda mais.

Mal contava um mez de casado, sentio José de Menezes, em seu egoismo de noivo feliz, que devia fugir á companhia e ao rumor da cidade. Foi procurar uma chacara na Tijuca, e lá se encafuou com Eulalia.

Alli vião correr os dias no mais perfeito descuido, respirando as auras puras da montanha, sem inveja dos maiores potentados da terra.

Um ou outro escolhido conseguia ás vezes penetrar no sanctuario em que

os dous vivião, e de cada vez que de lá sabia vinha com a convicção mais profunda de que a felicidade não podia estar em outra parte senão no amor.

Acontecia, pois, que, se as mulheres invejavão Eulalia e se os homens rião de José de Menezes, as mãis, as mãis previdentes, a especie santa, no dizer de E. Augier, nem rião nem se deixavão dominar pelo sexto peccado mortal: pedião simplesmente a Deos que lhes deparasse ás filhas um marido da estofa e da capacidade de José de Menezes.

Mas cumpre dizer, para inspirar amor a maridos taes como José de Menezes, era preciso mulheres taes como Eulalia Martins. Eulalia em alma e corpo era o que ha de mais puro unido ao que ha de mais bello. Tanto era um milagre de belleza carnal, como era um prodigio de doçura, de elevação e de sinceridade de sentimentos. E, sejamos frâncos, tanta cousa junta não se encontra a cada passo.

Nenhuma nuvem sombreava o céu azul da existencia do casal Menezes. Minto; de vez em quando, uma vez por semana apenas, e isto só depois de cinco mezes de casados, Eulalia derramava algumas lagrimas de impaciencia por se demorar mais do que costumava o amante José de Menezes. Mas não passava isso de uma chuva de primavera, que, mal assomava o sol á porta, cessava para deixar apparecer as flôres do sorriso e a verdura do amor. A explicação do marido já vinha sobreposse; mas elle não deixava de dal-a apezar dos protestos de Eulalia: era sempre excesso de trabalho que pedia a presença d'elle na cidade até uma parte da noite.

Anno e meio vivêrão assim os dous, ignorados do resto do mundo, ebrios da felicidade e da solidão.

A familia tinha augmentado com uma filha no fim de dez mezes. Todos que são pais sabem o que é esta felicidade suprema. Aquelles quasi enlouquecerão. A criança era um mimo de graça angelica. Menezes via n'ella o riso de Eulalia, Eulalia achava que os olhos erão os de Menezes. E n'este combate de galanteios passavão as horas e os dias.

Ora, uma noite, como o luar estivesse claro e a noite fresquissima, os dous, marido e mulher, deixárão a casa, onde a pequena ficára adormecida, e forão conversar junto ao portão, sentados em cadeiras de ferro e debaixo de uma viçosa latada, *sub tegmine fagi*.

Meia hora havia que alli estavão, lembrando o passado, saboreando o presente e construindo o futuro, quando parou um carro na estrada.

Voltárão os olhos e virão descer duas pessoas, um homem e uma mulher.

— Ha de ser aqui, disse o homem olhando para a chacara de Menezes.

N'este momento o luar deu em cheio no rosto da mulher. Eulalia exclamou:

— É Christiana!

E correu para a recém-chegada.

Os dous novos personagens são o capitão Nogueira e Christiana Nogueira, mulher do capitão.

O encontro foi o mais cordial do mundo. Nogueira era já amigo de José de Menezes, cujo pai fôra collega d'elle na escola militar, andando ambos a estudar engenharia. Isto quer dizer que Nogueira era já homem dos seus quarenta e seis annos.

Christiana era uma moça de vinte e cinco annos, robusta, corada, uma d'essas bellezas da terra, muito apreciaveis, mesmo para quem goza uma das bellezas do céo, como acontecia a José de Menezes.

Vinhão de Minas, onde se havião casado.

Nogueira, cinco mezes antes, sahíra para aquella provincia a serviço do Estado e alli encontrou Christiana, por quem se apaixonou e a quem soube inspirar uma estima respeitosa. Se eu dissesse amor, mentia, e eu tenho por timbre contar as cousas como as cousas são.

Christiana, orphã de pai e mãe, vivia na companhia de um tio, homem velho e impertinente, achacado de duas molestias gravissimas : um rheumatismo chronico e uma saudade do regimen colonial. Devo explicar esta ultima enfermidade; elle não sentia que o Brasil se tivesse feito independente; sentia que, fazendo-se independente, não tivesse conservado a fórma de governo absoluto. *Gorou o ovo*, dizia elle, logo depois de adoptada a constituição. E protestando interiormente contra o que se fizera, retirou-se para Minas-Geraes, d'onde nunca mais sahio. A esta ligeira noticia do tio de Christiana acrescentarei que era rico como um Potosi e avarento como Harpagon.

Entrando na fazenda do tio de Christiana e sentindo-se influido pela belleza d'esta, Nogueira aproveitou-se da doença politica do fazendeiro para lisongear-a com umas fomentações de louvor do passado e indignação pelo presente. Em um servidor do Estado actual das cousas, achou o fazendeiro que era aquillo uma prova de rara independencia, e o estratagema do capitão sortio duas vantagens : o fazendeiro deu-lhe a sobrinha e mais um bom par de contos de réis. Nogueira, que só visava a primeira, achou-se felicissimo por ter alcançado ambas. Ora, é certo que, sem as opiniões forjadas no momento pelo capitão, o velho fazendeiro não tiraria á sua fortuna um ceutil que fosse.

Quanto a Christiana, se não sentia pelo capitão um amor igual ou mesmo inferior ao que lhe inspirava, votava-lhe uma estima respeitosa. E o habito, desde Aristoteles todos reconhecem isto, e o habito, augmentando a estima de Christiana, dava á vida domestica do capitão Nogueira uma paz, uma tran-

quillidade, um gozo brando, digno de tanta inveja como era o amor sempre violento do casal Menezes.

Voltando á côrte, Christiana esperava uma vida mais propria aos seus annos de moça do que a passada na fazenda mineira na companhia fastidiosa do rheumatico legitimista. Pouco que pudessem alcançar as suas illusões, era já muito em comparação com o passado.

Dadas todas estas explicações, continuo a minha historia.

II

Deixo ao espirito do leitor ajuizar como seria o encontro de amigos que se não vêm ha muito.

Christiana e Eulalia tinham muito que contar uma á outra, e, em sala á parte, ao pé do berço em que dormia a filha de José de Menezes, derão largas á memoria, ao espirito e ao coração. Quanto a Nogueira e José de Menezes, depois de narrada a historia do respectivo casamento e suas esperanças de esposos, entrárão, um na exposição das suas impressões de viagem, o outro na das impressões que deveria ter em uma viagem que projectava.

Passárão-se d'este modo as horas até que o chá reunio a todos quatro á roda da mesa de familia. Esquecia-me dizer que Nogueira e Christiana declarárão desde o principio que, tendo chegado pouco havia, tencionavão demorar-se uns dias em casa de Menezes até que pudessem arranjar na cidade ou nos arrabaldes uma casa conveniente.

Menezes e Eulalia ouvirão isto, pôde-se dizer que de coração alegre. Foi decretada a installação dos dous viajantes. Tarde se levantárão da mesa, onde o prazer de se verem juntos os prendia insensivelmente. Guardárão o muito que ainda havia a dizer para os outros dias e recolhêrão-se.

— Conhecias José de Menezes? perguntou Nogueira a Christiana ao retirar-se para os seus aposentos.

— Conhecia de casa de meu pai. Elle ia lá ha oito annos.

— É uma bella alma!

— E Eulalia!

— Ambos! ambos! É um casal feliz!

— Como nós, acrescentou Christiana abraçando o marido.

No dia seguinte, forão os dous maridos para a cidade, e ficárão as duas mulheres entregues aos seus corações.

De volta, disse Nogueira ter encontrado casa; mas era preciso arranjal-a, e foi marcado para os arranjos o prazo de oito dias.

Os seis primeiros dias d'este prazo corrêrão na maior alegria, na mais

perfeita intimidade. Chegou-se a aventar a idéa de ficarem os quatro habitando juntos. Foi Menezes o autor da idéa. Mas Nogueira allegou ter necessidade de casa propria e especial, visto como esperava alguns parentes do Norte.

Emfim, no setimo dia, isto é, na vespera de se separarem os dous casaes, estava Christiana passeando no jardim, á tardinha, em companhia de José de Menezes, que lhe dava o braço. Depois de trocarem muitas palavras sobre cousas totalmente indifferentes á nossa historia, José de Menezes fixou o olhar na sua interlocutora e aventurou estas palavras :

— Não tem saudade do passado, Christiana?

A moça estremeceu, abaixou os olhos e não respondeu.

José de Menezes insistio. A resposta de Christiana foi :

— Não sei ; deixe-me!

E forcejou por tirar o braço do de José de Menezes; mas este reteve-a.

— Que susto pueril ! Onde quer ir ? Metto-lhe medo ?

N'isto parou ao portão um moleque com duas cartas para José de Menezes. Os dous passavão n'este momento em frente do portão. O moleque fez entrega das cartas e retirou-se sem exigir resposta.

Menezes fez o seguinte raciocinio : — Lêl-as immediatamente era dar lugar a que Christiana se evadissee para o interior da casa ; não sendo as cartas de grande urgencia, visto que o portador não exigira resposta, não havia grande necessidade de lêl-as immediatamente. Portanto guardou as cartas cuidadosamente para lêl-as depois.

E de tudo isto conclue o leitor que Menezes tinha mais necessidade de fallar a Christiana do que curiosidade de ler as cartas.

Accrescentarei, para não dar azo aos esmerilhadores de inverosimilhanças, que Menezes conhecia muito bem o portador e sabia ou presumia saber de que tratavão as cartas em questão.

Guardadas as cartas, e sem tirar o braço a Christiana, Menezes continuou o passeio e a conversação.

Christiana estava confusa e tremula. Durante alguns passos não trocárão uma palavra.

Finalmente, Menezes rompeu o silencio perguntando a Christiana :

— Então, que me responde ?

— Nada, murmurou a moça.

— Nada ! exclamou Menezes. Nada ! Era então esse o amor que me tinha ?

Christiana levantou os olhos espantados para Menezes. Depois, procurando de novo tirar o braço do de Menezes, murmurou :

— Perdão, devo recolher-me.

Menezes reteve-a de novo.

— Ouça-me primeiro, disse. Não lhe quero fazer mal algum. Se me não ama, póde dizê-lo, não me zangarei; receberei essa confissão como o castigo do passo que dei, casando minh'alma que se não achava solteira.

— Que estranha linguagem é essa? disse a moça. A que vem essa recordação de uma curta phase da nossa vida, de um puro brinco da adolescencia?

— Falla de coração?

— Pois, como seria?

— Ah! não me faça crer que um perjurio...

— Perjurio!...

A moça sorrio-se com desdem. Depois continuou:

— Perjurio é isto que faz. Perjurio é trazer enganada a mais casta e a mais digna das mulheres, a mais digna, ouve? Mais digna do que eu, que ainda o ouço e lhe respondo.

E dizendo isto Christiana tentou fugir.

— Onde vai? perguntou Menezes. Não vê que está agitada? Poderia fazer nascer suspeitas. Demais, pouco tenho a dizer-lhe. É uma despedida. Nada mais, em nenhuma occasião, ouvirá de minha boca. Suppunha que através dos tempos e das adversidades tivesse conservado pura e inteira a lembrança de um passado que nos fez felizes. Vejo que me enganei. Nenhum dos caracteres superiores que eu enxergava em seu coração tinha existencia real. Erão simples creações do meu espirito demasiado credulo. Hoje que se desfaz o encanto, e que eu posso ver toda a enormidade da fraqueza humana, deixe-me dizer-lhe, perdeu um coração e uma existencia que não merecia. Saio-me com honra de um combate em que não havia igualdade de forças. Saio puro. E se no meio do desgosto em que me fica a alma, é-me licito trazê-la á lembrança, será como um sonho esvaecido, sem objecto real na terra

Estas palavras forão ditas em um tom sentimental e como que estudado para a occasião.

Christiana estava aturdida. Lembrava-se que em vida de seu pai, tinha ella quinze annos, houvera entre ella e José de Menezes um d'esses namoros de criança, sem consequencia, em que o coração empenha-se menos que a fantasia.

Com que direito vinha hoje Menezes reivindicar um passado cuja lembrança, se alguma havia, era indifferente e sem alcance?

Estas reflexões pesárão no espirito de Christiana. A moça expôl-as em algumas palavras cortadas pela agitação em que se achava, e pelas interrupções dramaticas de Menezes.

Depois, como apparecesse Eulalia á porta da casa, a conversa foi interrompida.

A presença de Eulalia foi um allivio para o espirito de Christiana. Mal a vio, correu para ella, e convidou-a a passear pelo jardim, antes que anoitecesse.

Se Eulalia pudesse nunca suspeitar da fidelidade de seu marido, veria na agitação de Christiana um motivo para indagações e atribulações. Mas a alma da moça era limpida e confiante, d'essa confiança e limpidez que só dá o verdadeiro amor.

Derão as duas o braço, e dirigirão-se para uma alameda de casuarinas, situada na parte opposta áquella em que ficára passeando José de Menezes.

Este, perfeitamente senhor de si, continuou a passear como que entregue a suas reflexões. Seus passos, em apparencia vagos e distrahidos, procuravão a direcção da alameda em que andavão as duas.

Depois de poucos minutos encontrarão-se como que por acaso.

Menezes, que ia de cabeça baixa, simulou um ligeiro espanto e parou.

As duas pararão igualmente.

Christiana tinha a cara voltada para o lado. Eulalia, com um divino sorriso, perguntou :

— Em que pensas, meu amor?

— Em nada.

— Não é possível, retorquio Eulalia.

— Penso em tudo.

— O que é tudo?

— Tudo? É o teu amor.

— Deveras?

E voltando-se para Christiana, Eulalia accrescentou :

— Olha, Christiana, já viste um marido assim? É o rei dos maridos. Traz sempre na boca uma palavra amavel para sua mulher. É assim que deve ser. Não esqueça nunca estes bons costumes, ouvio?

Estas palavras alegres e descuidosas forão ouvidas distrahidamente por Christiana. Menezes tinha os olhos cravados na pobre moça.

— Eulalia, disse elle, parece que D. Christiana está triste.

Christiana estremeceu.

Eulalia voltou-se para a amiga e disse :

— Triste! Já assim me pareceu. É verdade, Christiana? Estarás triste?

— Que idéa! Triste porque?

— Ora, pela conversa que ha pouco tivemos, respondeu Menezes.

Christiana fitou os olhos em Menezes. Não podia comprehendê-lo e não adivinhava onde queria ir o marido de Eulalia.

Menezes, com o maior sangue-frio, acudio á interrogação muda que as duas parecião fazer.

— Eu contei a D. Christiana o assumpto da unica novella que li em minha vida. Era um livro interessantissimo. O assumpto é simples, mas commovente. É uma serie de torturas moraes por que passa uma moça a quem esqueceu juramentos feitos na mocidade. Na vida real este facto é uma cousa mais que commum; mas tratado pelo romancista toma um tal character que chega a assustar o espirito mais refractario ás impressões. A analyse das atri-bulações da ingrata é feita por mão de mestre. O fim do romance é mais fraco. Ha uma situação forçada... uma carta que apparece... umas cousas... emfim, o melhor é o estudo profundo e demorado da alma da formosa perjura. D. Christiana é muito impressivel...

— Oh! meu Deos! exclamou Eulalia. Só por isto?

Christiana estava offegante. Eulalia, assustada por vê-la em tal estado, convidou-a a recolher-se. Menezes apressou-se a dar-lhe o braço e dirigirão-se os tres para casa. Eulalia entrou antes dos dous. Antes de pôr pé no primeiro degráo da escada de pedra que dava accesso á casa, Christiana disse a Menezes, em voz baixa e concentrada:

— É um barbaro!

Entrarão todos. Era já noite. Christiana reparou que a situação era falsa e tratou de desfazer os cuidados, ou por ventura as más impressões que tivessem ficado a Eulalia depois do desconchavo de Menezes. Foi a ella, com o sorriso nos labios:

— Pois, deveras, disse ella, acreditaste que eu ficasse magoada com a historia? Foi uma impressão que passou.

Eulalia não respondeu.

Este silencio não agradou nem a Christiana, nem a Menezes. Menezes contava com a boa fé de Eulalia, unica explicação de ter adiantado aquella historia tão fóra de proposito. Mas o silencio de Eulalia teria a significação que lhe derão os dous? Parecia ter, mas não tinha. Eulalia achou estranhas a historia e a commoção de Christiana; mas, entre todas as explicações que lhe occorressem, a infidelidade de Menezes seria a ultima, e ella nem passou da primeira. *Sancta simplicitas!*

A conversa continuou fria e indifferente até a chegada de Nogueira. Serião então nove horas. Servio-se o chá, depois do que, todos se recolhêrão. Na manhã seguinte, como disse acima, devião partir Nogueira e Christiana.

A despedida foi como é sempre a despedida de pessoas que se estimão. Christiana fez os esforços maiores para que no espirito de Eulalia não surtisse o menor desgosto; e Eulalia, que *não usava mal, mal não cuidou* na

historia da noite anterior. Despedirão-se todos com promessa jurada de se visitarem a miudo.

III

Passarão-se quinze dias depois das scenas que narrei acima. Duranté esse tempo nenhum dos personagens que nos occupão tiverão occasião de se fallarem. Não obstante pensavão muito uns nos outros, por saudade sincera, por temor do futuro e por frio calculo de egoismo, cada qual pensando segundo os seus sentimentos.

Christiana reflectia profundamente sobre a sua situação. A scena do jardim era para ella um prenuncio de infelicidades, cujo alcance não podia avaliar, mas que lhe parecião inevitaveis. Entretanto, que tinha ella no passado? Um simples amor de criança, d'esses amores passageiros e sem consequencia. Nada dava direito a Menezes para reivindicar juramentos firmados por corações extremamente juvenis, sem consciencia da gravidade das cousas. E de mais, o casamento de ambos não invalidára esse passado invocado agora?

Reflectindo d'este modo, Christiana era levada ás ultimas consequencias. Ella estabelecia em seu espirito o seguinte dilemma : ou a reivindicacão do passado feita por Menezes era sincera ou não. No primeiro caso era a paixão concentrada que fazia irrupção no fim de tanto tempo, e Deos sabe onde poderião ir os seus effeitos. No segundo caso, era um simples calculo de abjecta lascivia; mas então, se mudára a natureza dos sentimentos do marido de Eulalia, não mudava a situação nem desaparecião as apprehensões do futuro. Era preciso ter a alma profundamente mirrada para illudir d'aquelle modo uma mulher virtuosa tentando contra a virtude de outra mulher.

Em honra de Christiana devo acrescentar que os seus temores erão menos por ella que por Eulalia. Estando segura de si, o que ella temia era que a felicidade de Eulalia se annuviasse, e a pobre moça viesse a perder aquella paz do coração que a fazia invejada de todos.

Apreciando estes factos á luz da razão pratica, se julgarmos legitimos os temores de Christiana, julgaremos exageradas as proporções que ella dava ao acto de Menezes. O acto de Menezes reduz-se, a final de contas, a um acto commum, praticado todos os dias, no meio da tolerancia geral e até do applauso de muitos. Certamente que isso não lhe dá virtude; mas tira-lhe o merito da originalidade.

No meio das preoccupações de Christiana tomára lugar a carta a que Menezes alludira. Que carta seria essa? Alguma d'essas confidencias que o coração da

adolescencia facilmente traduz no papel. Mas os termos d'ella? Em qualquer dos casos do dilemma apresentado acima Menezes podia usar da carta, a que talvez faltasse a data e sobrassem expressões ambigüas para suppô-la de feitura recente.

Nada d'isto escapava a Christiana. E com tudo isto entristecia. Nogueira reparou na mudança que apresentava sua mulher e interrogou-a carinhosamente. Christiana nada lhe quiz confiar, porque uma leve esperança lhe fazia crer ás vezes que a consciencia de sua honra teria por premio a tranquillidade e a felicidade. Mas o marido, não alcançando nada e vendo-a continuar na mesma tristeza, entristecia-se tambem e desesperava. Que podia desejar Christiana? pensava elle. — Na incerteza e na angustia da situação lembrou-se de ir ter com Eulalia para que esta ou o informasse, ou, como mulher, alcançasse de Christiana o segredo das suas concentradas mágoas. Eulalia marcou o dia em que iria á casa de Nogueira, e este sahio da chacara da Tijuca animado por algumas esperanças.

Ora, n'esse dia apresentou-se pela primeira vez em casa de Christiana o exemplar José de Menezes. Apareceu como a estatua do commendador. A pobre moça, ao vê-lo, ficou aterrada. Estava só. Não sabia que dizer quando á porta da sala assomou a figura mansa e pacifica de Menezes. Nem se levantou. Olhou-o fixamente e esperou.

Menezes parou á porta e disse com um sorriso nos labios :

— Dá licença?

Depois, sem esperar resposta, dirigio-se para Christiana; estendeu-lhe a mão e recebeu a d'ella fria e tremula. Puxou cadeira e sentou-se ao pé d'ella familiarmente.

— Nogueira sahio? perguntou depois de alguns instantes, descalçando as luvas.

— Sahio, murmurou a moça.

— Tanto melhor. Tenho então tempo para dizer-lhe duas palavras.

A moça fez um esforço e disse :

— Tambem eu tenho para dizer-lhe duas palavras.

— Ah! sim. Ora bem, cabe ás damas a precedencia. Sou todo ouvidos.

— Possue alguma carta minha?

— Possuo uma.

— É um triste documento, porque, respondendo a sentimentos de outro tempo, se crão sentimentos dignos d'este nome, de nada póde valer hoje. Todavia, desejo possuir esse escripto.

— Vejo que não tem habito de argumentar. Se a carta em questão não vale nada, porque deseja possuil-a?

— É um capricho.

— Capricho, se existe algum, é o de tratar por cima do hombro um amor sincero e ardente.

— Fallemos de outra cousa.

— Não; fallemos d'isto, que é essencial.

Christiana levantou-se.

— Não posso ouvil-o, disse ella.

Menezes segurou-lhe em uma das mãos e procurou retê-la. Houve uma pequena luta: Christiana ia tocar a campainha que se achava sobre uma mesa, quando Menezes deixou-lhe a mão e levantou-se.

— Basta, disse elle; escusa de chamar seus famulos. Talvez que ache grande prazer em pôl-os na confidencia de um amor que não merece. Mas eu é que me não exponho ao ridiculo depois de me expôr á baixeza. É baixeza, sim; não devia mendigar para o coração o amor de quem não sabe comprehender os grandes sentimentos. Paciencia; fique com a sua traição; eu ficarei com o meu amor; mas procurarei esquecer o objecto d'elle para lembrar-me da minha dignidade.

Depois d'esta tirada dita em tom sentimental e lacrimoso, Menezes encostou-se a uma cadeira como para não cahir. Houve um silencio entre os dous. Christiana fallou em primeiro lugar.

— Não tenho direito, nem dever, nem vontade de averiguar a extensão e a sinceridade d'esse amor; mas deixe que eu lhe observe; o seu casamento e a felicidade que parece gozar n'elle protestão contra as allegações de hoje.

Menezes levantou a cabeça, e disse:

— Oh! não me exprobre o meu casamento! Que queria que eu fizesse quando uma pobre moça me cahio nos braços declarando amar-me com delirio? Apoderou-se de mim um sentimento de compaixão; foi todo o meu crime. Mas n'este casamento não empenhei tudo; dei a Eulalia o meu nome e a minha protecção; não lhe dei nem o meu coração nem o meu amor.

— Mas essa carta?

— A carta será para mim uma lembrança, nada mais; uma especie de espectro do amor que existio, e que me consolará no meio das minhas angustias.

— Preciso da carta!

— Não!

N'este momento entrou precipitadamente na sala a mulher de Menezes. Vinha pallida e tremula. Ao entrar trazia na mão duas cartas abertas. Não pôde deixar de dar um grito ao ver a attitudo meio supplicante de Christiana e o olhar terno de Menezes. Deu um grito e cahio sobre o sofá. Christiana correu para ella.

Menezes, livido como a morte, mas cheio de uma tranquillidade apparente, deu dous passos e apanhou as cartas que cahirão da mão de Eulalia. Leu-as rapidamente. Decompuzerão-se-lhe as feições. Deixou Christiana prestar os seus cuidados de mulher a Eulalia e foi para a janella. Ahi fez em tiras miudas as duas cartas, e esperou, encostado á grade, que passasse a crise de sua mulher.

Eis aqui o que se passára.

Os leitores sabem que era aquelle dia destinado á visita de Eulalia a Christiana, visita de que só Nogueira tinha conhecimento.

Eulalia deixou que Menezes viesse para a cidade e mandou apromptar um carro para ir á casa de Christiana. Entretanto, assaltou-lhe uma idéa. Se seu marido voltasse para casa antes d'ella? Não queria causar-lhe impacencias ou cuidados, e arrependia-se de nada lhe ter dito com anticipação. Mas era forçoso partir. Emquanto se vestia occorreu-lhe um meio. Deixar escriptas duas linhas a Menezes dando-lhe parte de que sahira, e dizendo-lhe para que fim. Redigio a cartinha mentalmente e dirigio-se para o gabinete de Menezes.

Sobre a mesa em que Menezes costumava trabalhar não havia papel. Devia haver na gaveta, mas a chave estava seguramente com elle. Ia sahindo para ir ver papel a outra parte, quando vio junto da porta uma chave; era a da gaveta. Sem escrupulo algum, travou da chave, abriu a gaveta e tirou um caderno de papel. Escreveu algumas linhas em uma folha, e deixou a folha sobre a mesa debaixo de um pequeno globo de bronze. Guardou o resto do papel, e ia fechar a gaveta, quando reparou em duas cartinhas que, entre outras muitas, se distinguão por um sobrescripto de letra tremula e irregular, de character puramente feminino.

Olhou para a porta a ver se alguem espreitava a sua curiosidade e abriu as cartinhas, que, aliás, já se achavão descolladas.. A primeira carta dizia assim :

« *Meu caro Menezes.* Está tudo acabado. Lucia contou-me tudo. Adeos ; esquece-te de mim. — *Margarida.* »

A segunda carta era concebida n'estes termos :

« *Meu caro Menezes.* Está tudo acabado. Margarida contou-me tudo. Adeos ; esquece-te de mim. — *Lucia.* »

Como o leitor adivinha, estas cartas crão as duas que Menezes recebêra na tarde em que andou passeando com Christiana no jardim.

Eulalia, lendo estas duas cartas, quasi teve uma syncope. Pòde conter-se, e, aproveitando o carro que a esperava, foi buscar a Christiana as consolações da amizade e os conselhos da prudencia.

Entrando em casa de Christiana pòde ouvir as ultimas palavras do dialogo

entre esta e Menezes. Esta nova traição de seu marido quebrára-lhe a alma.

O resto d'esta simples historia conta-se em duas palavras.

Christiana conseguira acalmar o espirito de Eulalia e inspirar-lhe sentimentos de perdão. Entretanto, contou-lhe tudo o que occorrêra entre ella e Menezes, no presente e no passado.

Eulalia mostrou ao principio grandes desejos de separar-se de seu marido e ir viver com Christiana; mas os conselhos d'esta, que, entre as razões de decoro que apresentou para que Eulalia não tornasse publica a historia das suas desgraças domesticas, allegou a existencia de uma filha do casal, que cumpria educar e proteger, esses conselhos desviarão o espirito de Eulalia dos seus primeiros projectos e fizeram-a resignada ao supplicio.

Nogueira quasi nada soube das occurrencias que acabo de narrar; mas soube quanto era sufficiente para esfriar a amizade que sentia por Menezes.

Quanto a este, enfiado ao principio com o desenlace das cousas, tomou de novo o ar descuidoso e aparentemente singelo com que tratava tudo. Depois de uma mal alinhavada explicação dada á mulher a respeito dos factos que tão evidentemente o accusavão, começou de novo a tratá-la com as mesmas caricias e cuidados do tempo em que merecia a confiança de Eulalia.

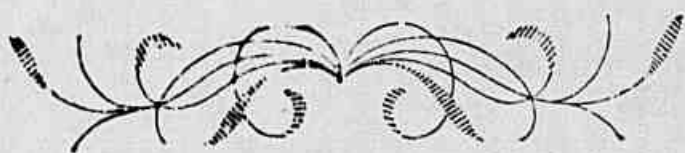
Nunca mais voltou ao casal Menezes a alegria franca e a plena satisfação dos primeiros dias. Os affagos de Menezes encontravão sua mulher fria e indifferente, e se alguma coisa mudava era o desprezo intimo e crescente que Eulalia votava a seu marido.

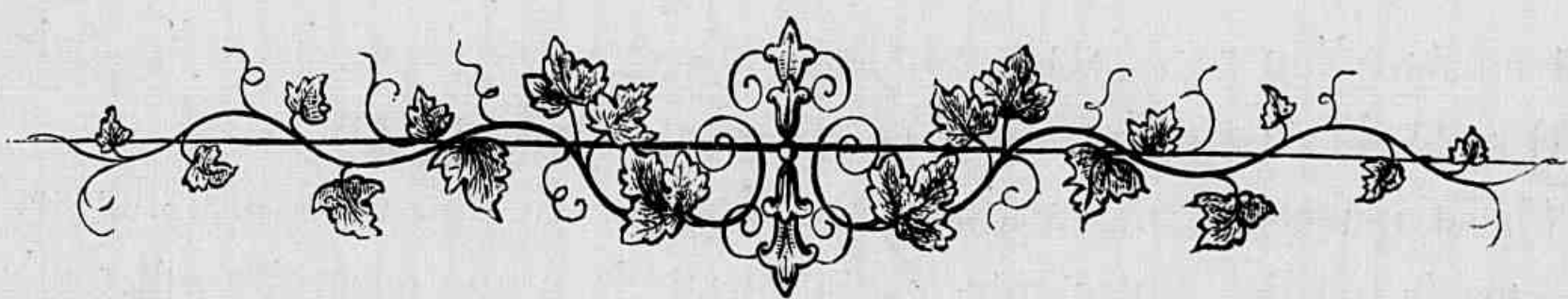
A pobre mãe, viuva da peor viuvez d'esta vida, que é aquella que annulla o casamento conservando o conjuge, só vivia para sua filha.

Dizer como acabarão ou como vão acabando as cousas não entra no plano d'este escripto: o desenlace ainda é mais vulgar que o corpo da acção.

Quanto ao que ha de vulgar em tudo o que acabo de contar, sou eu o primeiro a reconhecê-lo. Mas que querem? Eu não pretendo senão esboçar quadros ou caracteres, conforme me occorrem ou vou encontrando. É isto e nada mais.

MACHADO DE ASSIS.





O VIGARIO DA ROÇA



sacerdote e o medico são em todas as sociedades os dous typos mais dignos de respeito e veneração quando cumprem com acerto, sabedoria e consciencia os fins de sua elevada missão.

Sarar das dôres physicas ou das tribulações moraes; encontrar nas consolações da religião e nas lições do tempo e da experiencia lenitivo aos males que affligem o coração humano; ou achar nas descobertas da sciencia, nos segredos da natureza, e na sua propria, e, por assim dizer, prophetica intuição, os meios de abrandar os soffrimentos do corpo, restituindo não raras vezes á vida as victimas que a morte parecia já contar como suas, e sahir por fim triumphante d'esta luta desesperada; são dous poderosos instrumentos do bem, que a Providencia, em seus altos designios, nem sempre confia nas mãos dos que sabem fazer d'elles o culto de um sacerdocio augusto.

Se estas duas profissões exercem uma influencia tão legitima nos destinos sociaes, onde a organização civil e a administração publica têm uma acção tão completa na marcha diuturna das populações condensadas, o mesmo não acontece entre nós, onde os constantes sacrificios no exercicio d'estas missões exigem temperamentos mais robustos e fé mais acrisolada no cumprimento de tão sagrados quanto salutaes deveres, da parte d'aquelles que têm obrigação de os desempenhar.

As distancias, as difficuldades de transportes, a falta das commodidades mais triviaes, aggravão aqui desproporcionadamente o peso de tão graves e

imperiosas obrigações, tornando a existencia d'aquelles que se consagrão a satisfazêl-as uma das mais escabrosas e difficeis da sociedade.

Não é porém d'estas duas individualidades que pretendemos tratar hoje; quizemos apenas approximal-as para lhes dar a importancia que lhes compete, como os apóstolos da alma e do corpo, da materia e do espirito, os dous elementos em contacto da natureza humana, e reservamos para mais tarde estudar o missionario da sciencia, contentando-nos por agora com traçar um rapido episodio da trabalhosa vida d'esses pastores da alma que, segundo o Evangelho, representão na terra os enviados da Providencia, e têm a seu cargo as ceremonias religiosas do culto, e a santa investidura de encaminhar as almas e dirigir o pensamento de seus irmãos para a pratica do bem, do honesto e do util.

Segundo o ponto de vista elevado em que acabamos de encarar o sacerdote era o vigario da freguezia de ***, Fr. Anastacio de Santa Cruz, homem de seus oitenta annos, e cuja vida havia sido a constante pratica de todas as virtudes que devem adornar um filho esclarecido da igreja catholica. Era vigario n'esta parochia ha mais de quarenta annos, e nem uma só vez os seus comparchianos appellárão para os seus sentimentos caridosos, ou para o desempenho de seus officios religiosos, que o não encontrassem prompto, de rosto sereno, physionomia grave, porém insinuante, e sendo sempre o primeiro a affrontar todos os perigos, vencer todas as difficuldades quando se tratava de salvar os afflictos e encaminhar para Deos a alma dos moribundos.

O povo dos campos é naturalmente religioso, e não é de estranhar que este sentimento tenha maior expansão nos ermos afastados do interior de um paiz ainda tão pouco povoado como o nosso, se nos lembrarmos que o homem, quanto mais se acha afastado dos outros homens, mais necessidade sente de dirigir as suas vistas para Deos, e encontrar na intelligencia e na bondade suprema um lenitivo ás suas dôres e aos seus soffrimentos que a sociedade lhe nega, não lhe deixando muitas vezes outra esperanza senão a de invocar a da misericordia divina.

O vigario Anastacio era pois o juiz, o pai, o patriarcha verdadeiro d'aquella tribu de christãos que se havia apinhado em torno da pequena freguezia de ***. Ninguem sem o consultar dava um passo na vida, e aquelles mesmos que, com genio mais altaneiro, formavão o pequeno numero de ovelhas desgarradas de seu rebanho, mais de uma vez tinhão voltado convertidos a procurar o perdão de suas culpas, que nunca lhe havia sido negado pelo venerando sacerdote.

O bom do nosso parochio respeitava a velhice, aconselhava as paixões vivas da mocidade, e amava com idolatria as crianças, vergonteas tenras da arvore

da vida, que é preciso resguardar das tempestades do mundo, e amparar, para que bracejem vigorosas no horizonte limpo da consciencia, e promettão um dia a rica e opulenta florescencia que d'ellas espera o futuro insondavel e remoto.

Nas tardes calmosas do verão, o vigario Anastacio costumava sentar-se em um pedaço de tronco derrubado que havia aos pés de uma frondosa mangueira, em frente de sua limpa e modesta casinha, e alli, a pouca distancia do presbyterio, cuja velha e denegrida fachada o velho sacerdote enxergava do seu lugar predilecto, reunia em torno de si as crianças, realisando a santa parabola do Christo, e lhes explicava em uma biblia illuminada as passagens mais notaveis do Velho e do Novo Testamento, despertando-lhes a curiosidade do saber, e guiando o seu espirito infantil para o caminho do bem, que nos ensina a moral santa, e de que tantas vezes nos desencaminhamos por não ter tido quem nos annos verdes da existencia nos mostrasse a verdadeira direcção.

Apenas o sino do templo tangia no alto da torre vetusta as compassadas e tristes badaladas das *Ave Marias*, o velho levantava-se de seu rustico assento, tirava respeitosa e o seu chapéo de tres pontas, e deixava ver a vasta e respeitavel fronte calva, guarnecida apenas nas temporas e no occipucio por algumas madeixas anneladas de cabello fino e alvo, como estrigas de linho. Os seus pequenos companheiros imitavão o santo sacerdote, e este entoava então com voz grave, se bem que já tremula pela idade, a oração da Virgem, que era murmurada em voz baixa por todos os assistentes.

Os viandantes que n'este momento passavão pelo povoado descobrião-se respeitosa e diante da serena magestade d'este quadro augusto, que impressionava tanto pela sua singeleza como pelo reflexo de divina magestade que o ambiente afogueado pelos raios do sol poente imprimia no fundo do painel.

Então o sacerdote despedia-se das criancinhas, que a uma e uma vinhão beijar-lhe a mão, e regressava para sua casa, aproveitando as horas de repouso que lhe deixavão as labutações da vida ecclesiastica.

Uma noite, era já perto das dez horas, o venerando sacerdote havia fechado o seu livro de rezas, e dispunha-se a conciliar algumas horas de somno até ao primeiro toque das matinas, quando se ouviu bater duas pancadas com força na porta de sua casa, que forão poucos instantes segundadas por outras mais fortes, enquanto o vigario, acostumado a este meio de o despertarem, enfiava a sua loba, afim de ir elle proprio abrir, para não incommodar a preta Sabina, velha a quem estava encarregado o governo domestico da casa, e que, em virtude da lida diurna, adormecia ordinariamente ás sete horas da

noite. O José crioulo, pagem do vigario, tinha ido, a mandado do parochó, á cidade proxima, e não se achava portanto em casa n'essa noite.

Quando o vigario abriu a porta, deu de rosto com uma physionomia estranha, que lhe disse, com o semblante transtornado, e limpando o suor que lhe cahia da frente :

— Sr. vigario, acuda, acuda depressa a um homem que está expirando com uma facada no coração, cahido por terra na encruzilhada das Caveiras.

Dizendo isto, o desconhecido fez um movimento tão rapido, que o sacerdote, quando o procurou, não o tornou a encontrar, tão instantaneamente havia desaparecido.

O vigario pensou um momento n'esta singular apparição. Sentio um movimento involuntario de hesitação, lembrando-se que se achava só, sem ter ao menos a companhia do seu crioulo fiel; porém a força do dever foi mais poderosa que o receio, e vestindo-se á pressa, como inspirado por uma idéa subita, dirigio-se sem chamar pessoa alguma, nem mesmo as autoridades, com medo de chegar tarde para prestar os soccorros espirituaes, ao sitio que lhe fôra designado.

A encruzilhada das Caveiras ficava cerca de um quarto de legua do povoado.

A noite estava escura; porém o firmamento, limpo, arqueava-se magestoso, marchetado de myriada de brilhantes e tremulas estrellas.

Em vez da viração fresca da noite, corria uma leve aragem tepida, que agitava singularmente a folhagem dos arbustos e vinha quebrar em lufadas ardentes nos desvios do caminho, tornando difficil a respiração e penosa a marcha. O silencio mais profundo reinava em toda a natureza.

A sombra das arvores era tão profunda nos recantos, que mal se distinguia o traço da estrada, e difficil seria atinar com o trilho a quem não estivesse, como o velho parochó, costumado a cruzal-a em todas as direcções, fosse a que horas fosse da noite ou do dia.

O vigario caminhava apressado, murmurando em voz baixa as suas intimas orações, e o som de suas passadas era o unico arruido que se ouvia n'aquella solidão.

Ao chegar perto do sitio que lhe fôra denunciado, ouviu de facto os sons doloridos de um choro acerbo, que cortavão a alma, e farião vacillar o animo mais robusto.

O velho continuou mais apressado.

A estas horas, na roça, é difficil encontrar ente vivo. Apenas um ou outro raro viandante se aventura, mais por necessidade que por desejo, a transitar n'estes descampados.

O som dos lamentos, mais perto e distincto, era tambem mais pungente

á proporção que o sacerdote se approximava do lugar onde se havia dado o facto que lhe fôra tão mysteriosamente annuciado.

O ancião apenas pôde distinguir os objectos, ficou parado diante de um quadro terrivel.

Um corpo jazia estendido sobre a terra, com a cabeça um pouco descahida para trás, e as feições completamente demudadas pelas contracções das agônias da morte. Apesar da noite ser escura, havia n'aquelle sitio uma clareira desassombrada, que concorria para tornar mais distinctos os objectos; e por este motivo o velho sacerdote pôde reconhecer que o assassinado era ainda moço, e que de seu peito, rasgado pelo punhal, manava o sangue, que, formando uma grande poça, inundava a terra e manchava a roupa da victima.

Ao lado do infeliz achava-se uma mulher ajoelhada, com as mãos occultando o rosto, e os longos cabellos cahidos em desordem pelos hombros e pelas costas.

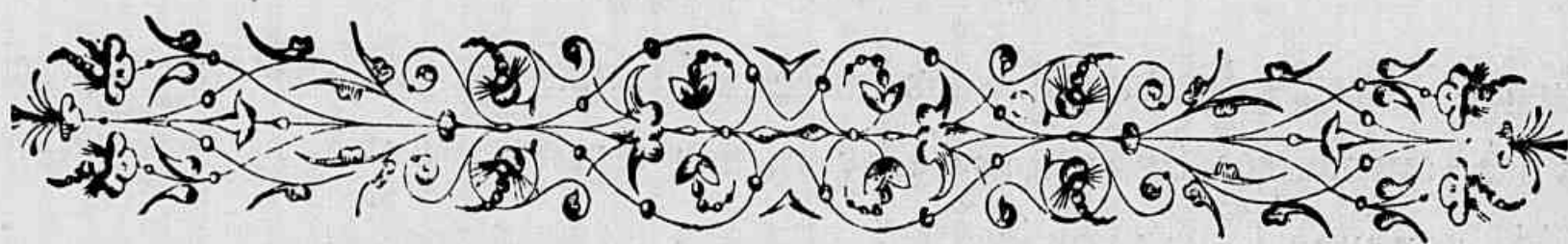
O vigario, informado do que havia occorrido por esta desgraçada moça, soube que, vindo ella em companhia de seu marido, havia cousa de meia hora, fôra elle acommettido por um homem, que, sahindo repentinamente da espessura, o apunhalára, e fugira sem que ella pudesse oppôr-lhe a mais pequena resistencia, e que desde então tinha debalde gritado por soccorro; mas que ninguem lhe acudira, e vira seu pobre marido expirar sem soccorro de natureza alguma.

A dôr d'esta desventurada era tão profunda, e as expressões que empregava tão repassadas de angustia, que o nobre e compadecido parochó levou-a em sua companhia para o povoado, e depois de se pôr em movimento toda a policia para descobrir o criminoso, e saber a causa d'este mysterioso assassinato, sem que jámais se conseguisse este fim, o vigario tomou sob sua protecção a desvalida, que ainda hoje é conhecida pela afilhada do vigario.

Quando o velho morreu, deixou-lhe a sua pequena fortuna, e a casa de sua residencia, que ella com virtude exemplar tem sabido conservar, honrando a memoria de seu bemfeitor.

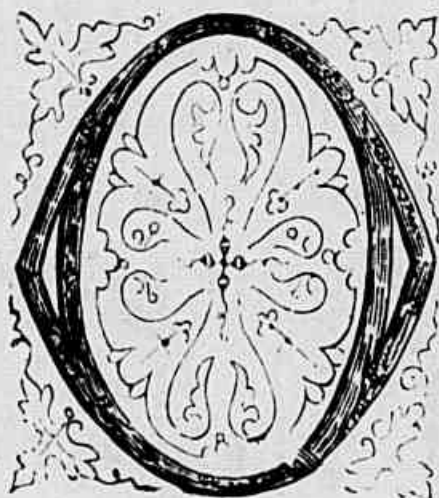
ALICIO.





VIAGENS

PETROPOLIS



leitor não desgostará de certo, fugindo ao calor da capital do imperio do Brasil, acompanhar-nos até Petropolis, e respirar comnosco o ar fresco da serra, enquanto lhe vamos narrando as impressões da viagem.

Passaremos em claro a parte maritima do itinerario. Nem a maré contra, nem as aguas encrespadas afrouxarão a carreira do veloz argonauta, que, segundo a expressão de um marinheiro inglez, leva o vento no porão. Deitando doze milhas por hora, chegámos rapidamente a Mauá.

Emquanto a locomotiva se prepara, façamos aqui uma breve diversão.

O porto de Mauá é um lugar solitario e agreste, que não tem outra importancia além da que lhe dá a estação da companhia, e por isso não merece a pena de consagrar-lhe um trabalho mais minucioso; no em tanto é bom dizer que ás chegadas e partidas do vapor apresenta um aspecto curioso, como todos os desembarcadouros, pela variedade dos trajos dos viajantes, o transporte de seus objectos e malas, ficando tudo outra vez em um silencio desanimador depois que partem para o seu destino os vehiculos de conducção.

Soou o terrivel *All-right!* Um silvo agudo se despedio das entranhas do

monstro igneo; rebentava-lhe das fauces columnas de fumo que se desfazião nos ares em negros turbilhões; a hydra deu o primeiro arranco, e voou impellida por uma força mais irresistivel que a da tempestade.

Emquanto as senhoras medrosas sentião os primeiros effeitos de uma commoção nervosa, os provincianos ruminavão uma descripção com que entreter os serões da familia, os velhos esfregavão as mãos e meneavão a cabeça, os moços soltavão gritos de enthusiasmo e de alegria, nós, pacifica e tranquillamente sentados, saudavamos tambem, segundo a bella expressão do Sr. Salles Torres Homem, o carro do triumpho da industria moderna.

O onagro que voava com aquelle celebre Guerra de que rezão as *Lendas e narrativas* do Sr. Alexandre Herculano, não transpunha os brejos e os vallados n'uma carreira mais vertiginosa, n'uma mais diabolica velocidade!

Os morros, as collinas, os paúes, as varzeas, as pontes, as planuras, tudo gyrava, enovelava-se, fugia diante dos olhos deslumbrados como um sonho, uma loucura, um delirio de cerebro exaltado, febricitante!...

E que fugir irresistivel, implacavel, quasi infernal! O espaço nivelava-se, as distancias desaparecião, e a locomotiva a correr, a correr.

Chegámos finalmente ao Fragoso.

Aqui mais uma verdade cruel nos comprovou que a vida é composta de eternos contrastes.

A força que nos impellio até esta altura do caminho mudou-se na mais irritante e impertinente lentidão. Os carros de triumpho havião sido substituidos pelos carros da vergonha da industria moderna. Com as articulações deslocadas, afflictos e suando em bagas, continuámos a ascensão da serra resignados, até avistar a consoladora entrada de villa Thereza.

Emquanto o postilhão cortava as carnes dos animaes com o desapiedado latego, lançámos os olhos para os oceanos de verdura que bordão os despenhadeiros da estrada, e consolámo-nos ouvindo murmurar os regatos invisiveis, e sentindo ramalhar, ou antes vendo agitarem-se os ramos das arvores e dos arbustos d'esta luxuriante e eterna vegetação!

Quanto mais se ganhão os pincaros da serra, mais se affundão de um e outro lado os abysmos ondulosos das verdes cachoeiras de folhagem. Além dobrão-se as planicies, depois o mar, depois a cidade do Rio de Janeiro, os morros sobrepostos, e o horizonte azul, infinito, illuminado pelo sol que inflamma a terra com o reflexo de seu diadema magestoso.

Entrámos finalmente em Petropolis, onde encontrámos alguns amigos, em cuja companhia jantámos e passámos algumas horas de animada palestra no hote l de Bragança.

Os leitores dispensem-nos os episodios gastronomicos, o panegyrico do

desenvolvimento a que tem chegado n'esta terra a arte culinaria, e a enumeração das commodidades que os hospedes encontram n'este estabelecimento semi-aristocratico. Fez-se com o mais consciencioso respeito a honra ás melhores iguarias, e satisfeita assim a teimosa exigencia da parte material do nosso ser, passeámos um pouco ás doces horas do sol posto pelos deleitosos valles que se espreguição junto ás abas das pittorescas montanhas.

Desde o *Itinerario de Paris a Jerusalem* de Châteaubriand, da *Viagem ao Oriente* de Lamartine, da *Correspondencia* de Michaud, e das brilhantes paginas de Xavier Le Maistre inspiradas em roda do seu quarto, não ha peregrino que não escreva a historia de sua romaria, embora não seja tão curiosa nem tão celebre como a d'estes illustres viajantes. Perdoem-me pois, se, acompanhando o roteiro de tão grandes mestres, me aventuro a traçar com mão incerta o esboço de algumas paisagens, a pintar-vos o effeito de algumas impressões, a relatar-vos n'estas paginas descoradas algumas das scenas naturaes e dos costumes semi-europêos que dão a Petropolis uma physionomia tão diversa da do Rio de Janeiro, e talvez mesmo de todas as outras povoações do Brasil.

Seria estudo interessante seguir passo a passo o desenvolvimento de uma povoação que surgiu, como por encanto, da braveza das matas e do seio das penedias.

A mão da industria, a força potente da civilisação, e mais do que tudo o auxilio e a magnanima generosidade de um monarcha animador do progresso e acoroçador do trabalho, derão a este nucleo colonial um impulso de vida, uma actividade de circulação, de prosperidade e engrandecimento que admira e pasma.

Em 1821 a primeira sesmaria d'este terreno foi concedida ao sargento-mór Bernardo Soares de Proença. Em 1830 foi vendida esta fazenda ao Sr. D. Pedro I pela quantia de 20 : 000 \$ 000 de réis! Em 1845 não havia ainda em Petropolis senão duas ou tres casas!

Em dez annos levantou-se uma cidade!

Cidade que junta á amenidade do clima grandes commodidades para a residencia tanto de naturaes como de estranhos, algumas das quaes não se podem encontrar com tanta facilidade na côrte : agua deliciosa, frescura das manhãs e das noites, passeios magnificos e de uma variedade sorprendedora, escolas, os melhores estabelecimentos de educação e ensino do imperio, bellos hoteis allemães, cerveja nacional, moças bonitas e abundancia de flôres, e, além de tudo isto, manteigã fresca!

Não quero encarregar-me de traçar aqui uma descripção de Petropolis. Tenciono apenas, como já disse, desenhar a largos traços alguns dos sitios,

das paisagens, das curiosidades locais que me causarão mais impressão, visitar os principaes estabelecimentos, percorrer algumas colméas colonias que tão poeticamente se pendurão nas vertentes das montanhas, gozar do fresco e da sombra, e voltar tranquillamente para o Rio de Janeiro, como o peregrino que regressa de Jerusalem com o pensamento embebido em pias e saudosas reminiscencias, repartindo pelos amigos as reliquias dos santos lugares, e as gottas d'agua que transportou do Jordão.

.

O sol declinava de sua carreira magestosa franjando de ouro as orlas do horizonte. Os ramos dos arvoredos, cujos troncos enlaçã festões de variadas parasitas, debruçã-se convulsos sobre as aguas do rio, gemendo com ellas um cantico de tristeza. A sombra desce das collinas, alastra o valle, e estende o seu manto de silencio pelas neblinas do crepusculo, onde primeiro a noite sorri antes de pousar na terra. A natureza havia chegado a esse momento de conchego, melancolia e doçura em que as mãis adormecem os filhinhos, apertando-os amorosamente contra o seio.

Leitor, paremos um instante n'esta ponte de madeira, e contemplemos este lindo grupo de duas crianças que brincão ao pé d'aquellas pedras musgosas.

É um menino e uma menina. Ella está reclinada como o botão de rosa sobre a folhagem; elle de pé, como a imagem da força e a aspiração da heroicidade!

As decantadas filhas de lady Londonderry não tinham, sob uma cutis mais fina, um azul mais transparente nas veias. São duas cabeças de anjo, dous sonhos de Raphael!

São ambos extremamente parecidos. Os seus compridos cabellos annelados em cachos de ouro, o azul celeste de seus olhos radiantes, a alva finura de sua cutis ligeiramente dourada pelos raios do sol americano, tudo nos indica que são dous descendentes da patria da Germania, do Rheno e de Goëthe; no desembaraço de seus movimentos, na resolução firme de seu olhar, que serão dous artistas laboriosos, dous filhos do povo, martyres ou triumphadores do trabalho.

Formosas crianças, eu me inclino diante de vossa corôa de innocencia, e respeitoso faço votos pela felicidade de vosso destino!

Eu tenho um amor innato por todos os entes fracos, e sinto no coração um natural impulso que me leva para todos os que se achão nos dous extremos da existencia: a infancia e a velhice!

O berço e o tumulo são as duas portas de entrada e sahida do mundo, onde aquelles que as transpoem desfallecem e chorão!

Por isso as crianças me interessão a ponto que esqueço muitas vezes essa gravidade burlesca que nos impoem as formulas convencionaes das conveniencias sociaes, para brincar com os infantes, sentindo remoçar, com esta deserção á vida official, tudo quanto existe de mais animador e risonho dentro da minha alma!

A innocencia da primeira idade é um perfume que nos embriaga o coração, e a cujo contacto a nossa alma se sente expandir em generosos affectos!

As crianças são os espiritos bons que nos dias de trevas espalhão a luz no lar desolado, e fallão á mente do céo e da immortalidade, n'essas horas angustiosas da existencia em que tudo que nos rodeia parece repetir com funebre expressão : dôr, desespero, maldição, nada!

As crianças são os mensageiros que Deos envia á terra, e a quem confia o germen de todas as promessas e de todas as esperanças do futuro!

É por isso que eu amo as crianças, e me deleito horas inteiras na sua intima e innocente convivencia, e me lembro com saudade de seus brinquedos e caricias!

Oh! como é triste ver morrer uma criança! Cahir no umbral da vida antes de assistir ás suas festas e tristezas, ás suas dôres e alegrias, se bem que deva ser uma fortuna para o ente a quem Deos parece não querer demorar na terra, e chama de novo para si, é no em tanto um soffrimento bem pungente para aquelles a quem esses pequeninos abandonão, e deixão atribulados sem a sua companhia, que poucos annos, poucos mezes, poucos dias bastão para tornar indispensavel, e constituir em uma necessidade imperiosa da alma e do coração!

O poeta das *Folhas cahidas*, o immortal Garrett, já disse :

Ai! Não sabe o que é tormento,
Não sabe o que é padecer,
Quem o filhinho que ama
Não vio ainda morrer!

O grupo das duas criancinhas de Petropolis, que encontrámos no caminho da Rhenania, produzirão-nos uma grande impressão. Ainda ao traçar estas linhas parece-nos ver o seu grupo gracioso, e o ultimo raio de sol dourar os cachos annelados de sua cabelleira loura!

.....

O desalinho d'estes apontamentos de viagem talvez não agrade a muitos dos leitores; porém, se quizessemos fazer-lhes a vontade, era-nos preciso contrariar a corrente de nossas idéas, afim de apparentar com uma unidade falsa trabalhos que são por sua natureza soltos e desconnexos.

Preferimos continuar assim, embora nos não leião aquelles que fòrem mais exigentes.

Pètropolis está hoje triste e monotona, como todas as povoações do interior a quem mais ou menos têm tirado a animação as calamidades que hão affligido n'estes ultimos tempos o paiz; mas já foi um centro de vida, uma estação de prazeres ruidosos e de constantes divertimentos, para onde affluia todos os annos, no verão, grande numero dos habitantes da capital, e os estrangeiros que approvão á nossa terra. Foi n'essa data que escrevêmos estes apontamentos.

Creemos, porém, que o prestigio da cidade predilecta do que ha de mais brilhante, rico e distincto na capital do imperio, ainda virá convidar novas romarias á sua agradavel residencia.

Esta encantadora cidade, que com razão se deve chamar a Veneza americana, tem nos seus annaes paginas tão dignas de memoria, que não devem esquecer-se, abandonando-a com ingratição. Esperamos pois que, passados estes dias de provação, ainda voltarão tempos mais felizes para a formosa colonia da montanhosa serra dos pincares azulados.

STEPHEN.





MOSAICO

RIO DE JANEIRO ANECDOTICO

**COLHEITA DE BONS DITOS, REPENTES FELIZES E PÍLHERIAS
MAIS OU MENOS CHISTOSAS**



ue fazenda tão ruim, diz a mulher ao marido, que fazenda tão ruim que é o panno do paletó que compaste.

— Qual ruim? Pois isto é ruim? replica o marido.

— Não póde ser peor; isso não dura nada; e você não sabe que quem se veste de ruim panno se veste duas vezes ao anno?

— Ora, para tudo ha remedio, pondera o bom do marido, que quem remenda o seu panno, fal-o durar mais um anno.

★ ★

Certo moço extravagante entra em casa de seu tutor a pedir-lhe novas me-
zadas.

— Meu pupillo, diz-lhe o tutor, quem come sem conta vive sem honra.

— Ora, meu caro senhor, volta-lhe o joven, morra embora Martha, porém morra farta!

* *

Dous amigos que se encontram perguntão um ao outro o que ha de novo.

— Casou-se, diz um d'elles, o Dr. Felix.

— Deveras, exclamou o outro, aquelle feio e mal feito? E com quem se casou?

— Com D. Mariquinhas, a belleza em pessoa.

— Ah! na verdade, meu amigo, foi um favor que a moça lhe fez!

* *

— Já não posso, diz um filho a seu pai chegando cansado da sua clinica, já não posso com tanta lida.

— Meu filho, diz o pai, cobra boa fama e deita-te a dormir.

— Sim, meu pai, responde o filho, mas a cama não é para quem a faz.

* *

Um actor de um dos nossos theatros declara que não vai á scena sem que seja pago de seus ordenados vencidos.

— N'esse caso, diz o empresario, mando mettê-lo na cadêa.

— Pois sim, responde o artista, ao menos lá me darão o que comer.

* *

UMA FRANCEZA N'UMA LOJA E UM FREGUEZ.

— Quanto custa este globo ovado de pendurar?

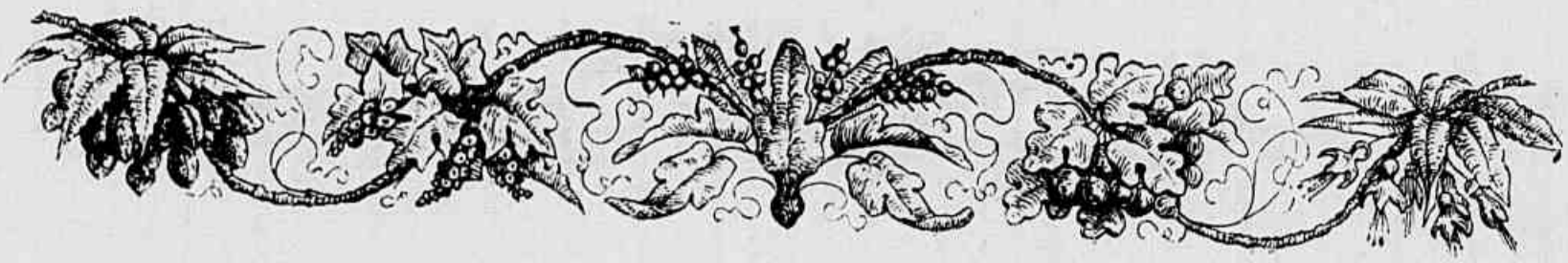
— Vende-se por dez, mas dou-lhe por dous mil réis.

— Porque? A madama me conhece? Tanta bondade...

— Não... não... mas é porque está rachado.

IONOR ACHIMBERT.





POESIA

A SUPPLICA

Donzella, não digas mais
Que meus versos são de gelo :
Pela belleza te peço
Das tranças de teu cabello ;

Pelo aroma tão suave
Que sómente tu exhalas
Da boca tão graciosa,
Quando perto de mim fallas...

Meu anjo ! se quereis fogo
Nos meus versos, escutai-me :
Um volver d'olhos bem terno,
Amoroso, deparai-me.

Meu peito será volcão,
Será tudo o que quizerdes,
Desd' o instante em que d'amor
Uma centelha me derdes.



MODAS

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Primeiro toilette. — Vestido de tafetá azul de França. Guarnição de entremeio de renda preta sobre tafetá branco ligados por uma guarnição de fofos de fitas azues. Corpinho de aba comprida e aberta, com entremeio de cada lado; mesmo enfeite nas hombreiras e na parte inferior das mangas. Chapéo de filó branco com fofos, guarnecido de renda preta e de campainhas azues.

Segundo toilette. — Vestido de alpaca branca, cada panno recortado com lã encarnada; pequeno folho encanudado em baixo, igualmente recortado. Capote de panno côr de couro, guarnecido com galão de seda e botões de passamanaria de palha. Chapéo se-gadora de palha de Italia orlado de velludo preto, com tufo de flôres de trigo. Violeta de filó preto com grãos.

TRABALHOS

FLORES DE PAPEL. N.º 2 DO RETRO E 17 E 18 DO VERSO.

Encetando um curso de flôres de papel, damos hoje o modelo de uma rosa musgosa, com o molde dos petalos. Eis os aviamentos indispensaveis para a confecção das flôres :
Uma boa tesoura,



Roubaix

Imp. Moine et Falconner, r. S. Louis en l'Île 90

Lefebvre

JORNAL DAS FAMILIAS

Novembro de 1864

Uma pinça,
 Algumas bolas de páo,
 Um chumbo,
 Uma almofada de panno de linho cheia de farelo,
 Um potezinho de massa.

GRANDE ROSA MUSGOSA.

Faz-se esta rosa com papel vegetal inglez côr de rosa ou de cereja. Toma-se uma tira de papel do comprimento todo da folha, corta-se sobre o molde nº 1, e abrem-se os petalos até o meio da altura, de modo a afastal-os uns dos outros, mas sem destacad-os. Separa-se então a tira em cinco maços de cinco ou seis petalos cada um, estampados com a pinça. Obtem-se esta estampa formando tres pregas na altura dos petalos; apertão-se fortemente as tres pregas juntas, assim como os petalos em baixo para fazer um pequeno pé, e depois desdobrão-se, porém só em cima; feito isto, cortão-se oito redondos sobre o molde nº 2, e rola-se cada petalo. Para rolar, põe-se o petalo sobre a almofada; depois carrega-se em cima com a bola debaixo para cima, tendo sobretudo cuidado em não fazer pregas na parte de cima; virão-se depois as beiras de um só lado com um dos ramos da pinça. Em seguida amarra-se n'um arame de média grossura o centro de uma rosa, cujo pé cobre-se com papel mui transparente verde; pregão-se em roda com linha verde os cinco maços de petalos nº 1, curvando-os um pouco sobre o centro; depois enfia-se um redondo nº 2, do qual introduzem-se dous encaixes no meio dos maços, enterrando-os a fim de não esconderem a estes; enfião-se então os outros sete redondos pondo entre cada um d'elles um pouco de massa, tendo cuidado de as pôr em sentido contrario; finalmente amarrão-se em baixo cinco raminhos de musgo sobre os quaes enfia-se um calis.

BOTÃO DE ROSA.

Separa-se cada um dos petalos de oito redondos, rolão-se e virão-se as beiras de quatro sómente, amarrão-se n'uma haste os dous petalos não virados em frente uns dos outros, depois os outros quatro á roda, de modo que dous fiquem mais em baixo. Amarrão-se cinco raminhos de musgo e enfia-se um calis. Os botões nascentes encontrão-se já promptos, assim como os centros, os calices, as folhas e tudo quanto é preciso para fazer este ramo.

ARMAÇÃO DA ROSA.

Depois de enfiado o calis guarnece-se a haste com um pouco de algodão, e enrola-se no papel transparente verde no comprimento de quatro centimetros; põe-se então um ramo de folhas que se faz segurar com o papel, enrola-se quatro centimetros, mette-se outro ramo de folhas que fica em frente ao primeiro; com cada folha amarrão-se cinco ou seis raminhos de musgo. Faz-se o mesmo para o grande botão, pondo porém quatro hastes de folhas, porque deve sobresahir á rosa; o mesmo para o botão nascente, porém com tres folhas. Cobre-se então um pedaço de arame com algodão que se envolve em gutta, corta-se o alto da haste e curva-se para dar-lhe apparencia de um pedaço de madeira. Amarra-se depois o botão aberto e a rosa, põe-se um pouco de algodão, cobre-se com gutta seis centimetros, mette-se o botão nascente, ao qual ajunta-se o pedaço de

madeira. Cobre-se com bastante algodão, põe-se na gutta, e corta-se de vizez a parte inferior do ramo.

Para concluir, molha-se um pedacinho de esponja em um pouco de encarnado vegetal, e esfregão-se as hastes, assim como o algodão branco em cima do pedaço de madeira e em baixo do pé. Mais tarde daremos o modo de armar uma roseira inteira.

PORTA-CARTÕES DE VISITA. N° 5.

O fundo d'este pequeno trabalho é de couro com quadradinhos fingindo couro da Russia. O desenho é feito por cima e depois coberto com trancelim (*soutache*) napolitano da mesma côr. Fazem-se dous lados iguaes, e n'um d'elles podem-se bordar as iniciaes da pessoa a quem se destina o objecto. O porta-cartões de visita deve ser armado com beiras e fecho de aço dourado e forro de melania branca com bolso de carteira. Póde-se confiar este cuidado ao Sr. Lombaerts, encadernador de S. M. o Imperador, rua dos Ourives n° 17. O mesmo modelo póde servir para porta-agulhas ou porta-moeda.

CABAZINHO DE CONTAS. N°s 10 E 14.

A fôrma do cabaz é de arame; cobre-se primeiro com fita de morim branco, depois com ordens de contas enfiadas azul turqueza; entre as beiras fazem-se pequenos rhombos de contas brancas fechadas com uma grande conta de ouro. A aza é azul com torçal branco; os festões á roda do cabaz alternados azues e brancos. Para o fundo do cabazinho borda-se sobre talagarsa de seda em ponto encruzado o desenho cujo detalhe damos sob n° 10.

LIMPA-PENNAS. N° 21.

A mão a menos exercitada poderá fazer este pequeno trabalho, cujo effeito contudo é mui lindo quando acabado. Corta-se um redondo de couro pardo avermelhado do tamanho do nosso modelo, e depois de n'elle reproduzir o desenho, recorta-se o interior dos medalhões, que se forra com melania da mesma côr do couro. A' roda de cada medalhão põe-se uma ordem de contas de couro que se prega com pontos de fio de ouro; em roda do do meio accrescentão-se duas ordens de cordãozinho de ouro divididas por uma ordem de contas pretas. No interior de cada um dos quatro medalhões da roda prega-se uma estrella de couro estampado com cordãozinho de ouro e quatro contas pretas cercadás com cordãozinho de ouro, como mostra o desenho. A beira exterior é fôrmada com duas ordens de cordãozinho de ouro divididas por uma ordem de trancelim de seda côr de couro. Forra-se o limpa-pennas com cachemira preta, e accrescentão-se algumas folhas de panno preto recortado; reune-se o todo fixando no centro do trabalho um pequeno adorno de metal dourado que serve de cabo.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

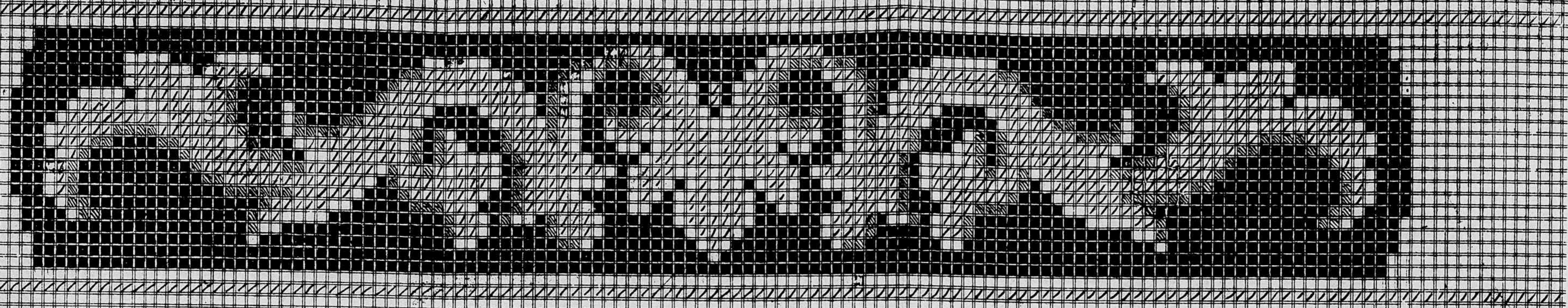
N° 1. — Collarinho á marinheiro, de pontas viradas, de panno de linho dobrado acolchoado, com bordado de ponto russo de seda ou lã meio-torcida preta ou de côr.

N° 2. — Rosa de papel. (*Vide os trabalhos.*)

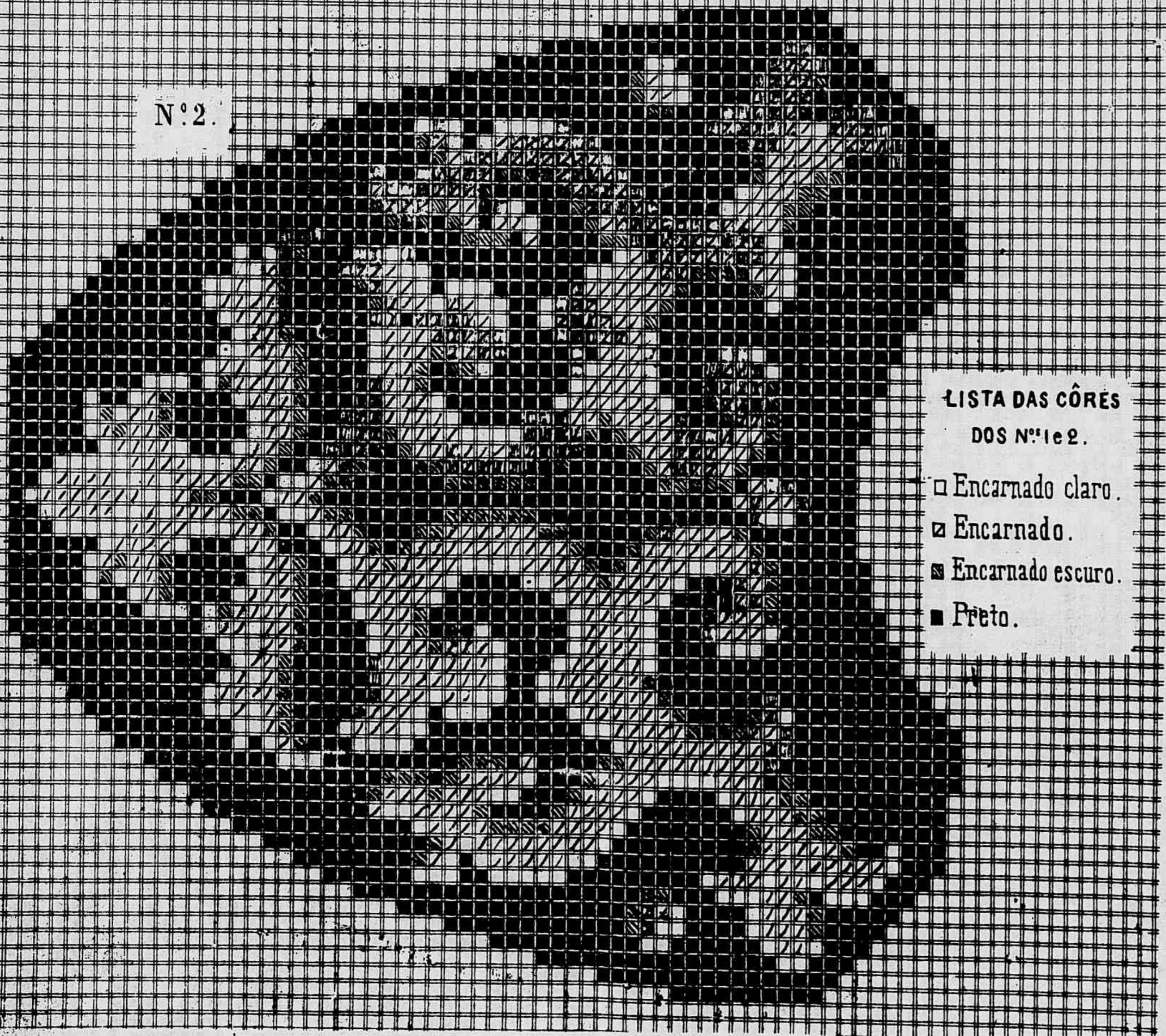
N° 3. — Porta-cartões de visita. (*Vide os trabalhos.*)

N° 4. — E. S. Iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 1.



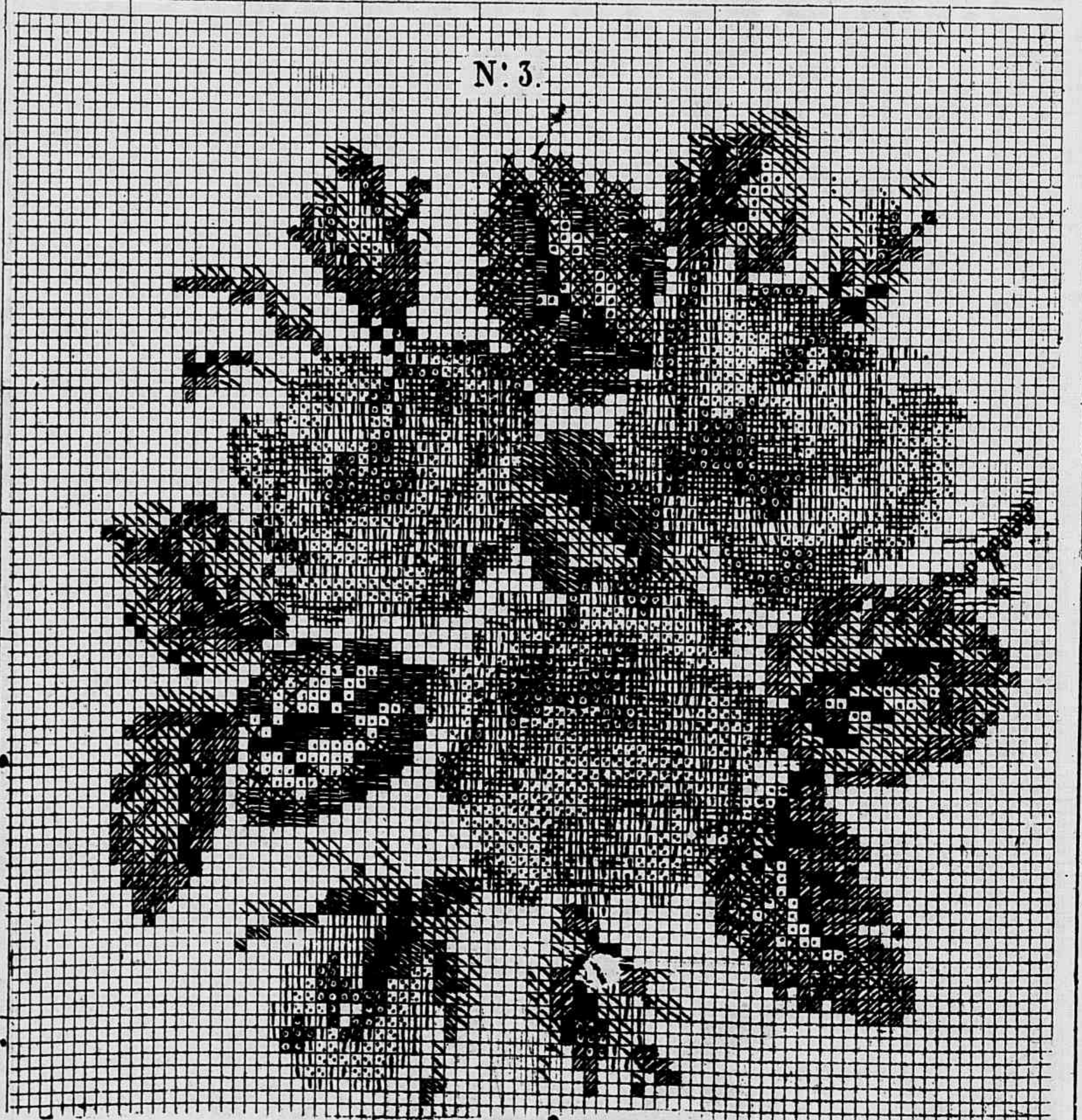
Nº 2.



LISTA DAS CÔRES
DOS Nº 1 e 2.

- Encarnado claro.
- ▣ Encarnado.
- Encarnado escuro.
- Preto.

Nº 3.



LISTA DAS CÔRES DO Nº 3

- Côr de rosa escura. ■ Côr de rosa. ■ Côr de rosa clara. □ Côr de rosa muito clara.
- Verde muito escuro. ■ Verde escuro. ▣ Verde. □ Verde claro. □ Verde mais claro.

- Nº 5. — *Felicidade*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo.
- Nº 6. — *P. G.* Iniciaes. Borda-se o fundo em ponto de relevo com linha branca, os grãos e as flôres de liz com linha encarnada.
- Nº 7. — *Paulina*. Nome para canto de lenço. Cordãozinho.
- Nº 8. — *F. D.* Iniciaes em ponto de relevo n'um escudo de flôres e folhas em ponto de relevo.
- Nº 9. — Quarta parte de um lenço rico. Ponto de recôrte, ponto *d'échelle*, ponto de relevo e ponto *d'armes*, sobre cambraia.
- Nº 10. — Desenho de tapeçaria para o fundo do cabaz. (*Vide os trabalhos.*)
- Nº 11. — *E. B. V.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo e cordãozinho.
- Nºs 12 e 13. — Collarinho e punhos de panno de linho ou morim dobrado com flôres de liz para bordar em ponto de relevo.
- Nº 14. — Cabaz de contas. (*Vide os trabalhos.*)
- Nºs 15, 16, 17 e 18. — *L. V., B. V. e V. F.* Iniciaes. Ponto de relevo.
- Nº 19. — Collarinho para bordar sobre cassa, rico desenho em ponto de relevo, cordãozinho e ponto *d'armes*.
- Nºs 20 e 22. — *Maria e Emma*. Nomes para cantos de lenços. Ponto de relevo.
- Nº 21. — Limpa-pennas. (*Vide os trabalhos.*)
- Nºs 23 e 24. — *A. S. e P. G.* Iniciaes. Ponto de relevo e ponto de *poste*.
- Nº 25. — Guarnição recortada e bordada em ponto de relevo para guarnecer almilhas, camisolas e outros objectos de roupa branca.
- Nº 26. — Entremeio para baixo da saia. Ponto de relevo.
- Nº 27. — Cercadura de trancelim para vestimenta de criança.
- Nº 28. — Guarnição de cordão e ponto *lancé* para baixo do vestido ou da saia.
- Nº 29. — *A. V.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo, cordãozinho e pequenos ilhós.
- Nº 30. — Quarta parte de um lenço. Recôrte ponto de *rose*, bordado em ponto de relevo e ponto *d'armes*.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

Molde da casaquinha para menino. — Esta casaquinha pôde-se fazer de panno, de velludo ou de cachemira; guarnece-se com um galão de seda posto a *cavallo*.

- Nº 1. — Frente da casaquinha.
- Nº 2. — Pequeno lado.
- Nº 3. — Metade das costas.
- Nº 4. — Manga.
- Nº 5. — Molde da manga de pôr por baixo para senhora, de cassa ou de *nanzouk*. A beira é recortada, a parte de cima ornada com um bordado em ponto de relevo branco com contornos de cordãozinho preto, que finge canhão.
- Nº 6. — Punhos iguaes ao collarinho nº 1 do *retro*.
- Nº 7. — *Rosalia*. Nome para canto de lenço. Cordãozinho.
- Nº 8. — *B. P.* Iniciaes. Ponto de relevo semeado de ilhós.
- Nº 9. — *Antonia*. Nome para lenço. Cordãozinho.
- Nº 10. — Alfabeto de lettras romanas para marcar a roupa. Ponto de relevo.
- Nº 11. — *Branca*. Nome para lenço. Ponto de relevo.
- Nº 12. — *T. P.* Iniciaes. Ponto de relevo.
- Nº 13. — *Edith*. Nome. Ponto de relevo com pontinhos de côr.
- Nºs 14, 15 e 16. — Iniciaes para marcar a roupa.
- Nºs 17 e 18. — Petalos da rosa. (*Vide os trabalhos.*)

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA DE CROCHET.

- Nº 1. — Guarnições para capas de poltronas, colchas, cortinados, etc.
 Nº 2. — Cercadura para os objectos acima mencionados.
 Nº 3. — Fundo para cortinados, colchas e outros objectos.
 Nº 4. — Desenho com cercadura para capas de poltronas, colchas, almofadas, etc.
 Todos esses desenhos podem-se reproduzir em tintas lisas em ponto de tapeçaria.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA DE TAPEÇARIA, NO VERSO DA ESTAMPA DE CROCHET.

Nºs 1 e 2. — Chinela para senhora. Esta chinela borda-se de encarnado matizado em fundo preto, e produz lindissimo effeito, apezar de ser de facil execução. Póde-se tambem bordal-a de grisalho em fundo encarnado ou azul escuro.

Nº 5. — Ramalhete de rosas em côres naturaes matizadas para almofada, assento de cadeira ou poltrona e tamborete.

EXPLICACÃO DA ESTAMPA DE TAPEÇARIA COLORIDA.

O rico desenho de sacco de viagem que hoje offerecemos ás nossas amaveis assignantes póde continuar-se indefinidamente, e assim aproveitar para grande numero de objectos. Reproduzido este mosaico em poltronas, cadeiras, etc., serião estes por certo lindissimos trastes. As pessoas que preferirem as tapeçarias feitas em tiras acharão na mesma estampa um magnifico desenho para reposteiros, para sofá ou para poltronas.



